

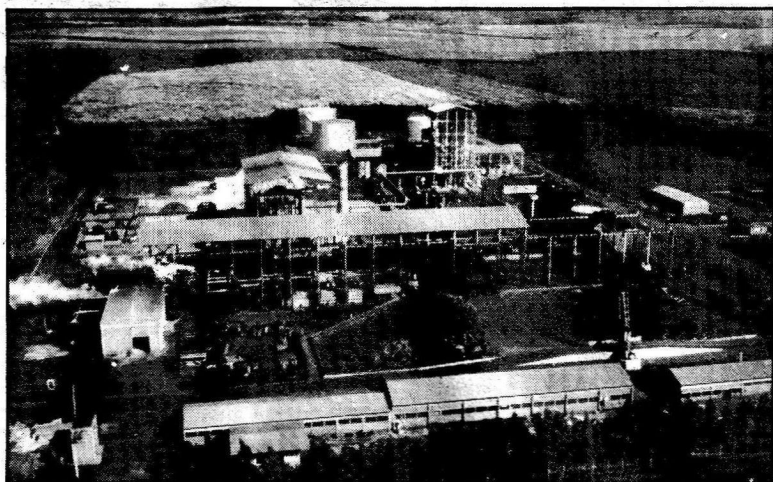
O álcool e a dívida externa

JOSÉ RESENDE PERES

A falta de inteligência levou nos-
sos estadistas à preferência por in-
vestimentos em usinas atômicas,
pela construção de rodovias na sel-
va, ao invés de ferrovia eletrifica-
da para levar os grãos do maravi-
lhoso oeste do Paraná ao porto de
Paranaguá. Endividaram o país
perigosamente, tanto no exterior
como no mercado interno onde o
governo disputa os cruzeiros que
iriam para a produção numa des-
esperada captação para adiar o
caos financeiro por mais algumas
semanas... "Em um ano o volume
global da dívida pública interna
deverá triplicar", afirmou o Sr.
Ary Wadington, Presidente da As-
sociação Nacional dos Bancos de
Investimentos. Isso segundo ele,
"devido à utilização do "open mar-
ket" como instrumento de política
monetária que está provocando
um exagerado aumento da veloci-
dade de crescimento da dívida. A
dívida pública interna da União é
hoje Cr\$ 13,1 trilhões e, somente
em junho, ela cresceu Cr\$ 1,2 tri-
lhão, correspondente a 10% sobre o
mês anterior. Nos últimos doze
meses sua expansão foi de 161,1".
(Folha de São Paulo, 3/ 8/ 83). Es-
sa situação calamitosa (quando
vamos estourar?) já está fazendo
muitos investidores aplicarem em
ouro e dólares, com medo de não
receberem nem juros e nem capi-
tal...

Até hoje o governo vem desati-
vando o setor que paga impostos,
indústria, lavoura e comércio,
criando o desemprego, mas ele
próprio não demite, não se livra de
centenas de milhares de funcioná-
rios da administração direta e das
estatais. Ora, o melhor flagelado é
a inflação, filha do déficit das con-
tas federais. Ai não se faz nada.
Ameaçaram os príncipes dos 17 sa-
lários, das aposentadorias escan-
dalosas, mas tudo continuou no
mesmo.

Paralelamente ao sacrifício da
empresa privada, o Governo difi-
culta o aumento da produção de ál-
cool, nossa grande arma para com-
bater nossos grandes males: 1 —



Esta é a Destilaria M.B., do Grupo Biagi, na região de Sertãozinho, SP.
Produz 180.000 litros/dia, com o bom rendimento de 78 litros por t de cana

Déficit na balança comercial, que
aumenta a dívida; 2 — Crescimen-
to calamitoso da dívida interna,
mais lenha na caldeira da infla-
ção; 3 — Desemprego, o grande
drama nacional, filho legítimo da
incompetência administrativa.

Todo o esforço da agricultura
brasileira já não é suficiente para
pagar os juros da dívida externa,
cerca de US\$ 100 bilhões, em torno
de US\$ 12 bilhões por ano.

Então qual seria o caminho co-
reto: estimular ao máximo a pro-
dução de álcool. Isto significaria
aumento da receita interna, au-
mento de emprego e redução na
importação de petróleo que este
ano, se houver financiadores, cus-
tará US\$ 7 bilhões. Nunca a salva-
ção esteve tão perto, mas nunca os
tecnoburocratas foram tão cegos.
Há dias o ilustre Ministro da Indús-
tria e do Comércio, João Camilo
Penna, comunicou que em 1984 o
Proálcool terá apenas US\$ 800 mi-
lhões e não US\$ 900 como este ano.
Alegou S. Exa. que a redução de
22,2% nos recursos destinados a
salvar este país que "a meta de
produção do programa está cum-
prida em 90% para a programação
de 10,7 bilhões de álcool em 1985".
Ora, o que o Governo deve fazer é
aumentar nossa produção de ál-
cool até não precisarmos mais im-
portar petróleo algum. O noso pe-
tróleo seria destinado à produção
de diesel para navios e locomoti-

vas, dragas e tratores pesados de
esteira, e ainda iríamos produzir
mais para países preocupados com
a ecologia, como os EUA, que po-
deriam substituir com mistura de
álcool anidro o chumbo usado hoje.

No ano passado o álcool já econo-
mizou cerca de US\$ 1,5 bilhão na
importação de petróleo. Já poderia
estar economizando muito mais,
dando mais empregos e mais ren-
da interna. Mas preferiram deses-
timular criando selos para o pára-
brisa, facilitando a produção de ca-
minhonetas equipadas com moto-
res diesel, quadruplicando a taxa
de juros para o plantio de cana e
instalação de destilarias, financia-
mento de tratores ou fertilizantes,
etc. Na Alemanha, depois da Guer-
ra, criou o Tribunal de Nurem-
berg para julgar crimes de guerra.
Aqui vai ser necessário um tribu-
nal, com "paredon" e tudo, para
julgar os economistas que levaram
à fome milhões de crianças. Quem
sobrevoa São Paulo, Paraná ou
Mato Grosso certamente não acre-
ditará que um país com tudo para
ser uma potência fosse atirado à
miséria pelos que preferiram cons-
truir usinas desnecessárias, repa-
tições públicas faraônicas, empre-
sas estatais que passaram a ser ca-
bides de empregos, aqui, e no ex-
terior, com seus escritórios concor-
rendo com o Itamaraty. O caos foi
planejado. Semearam os ventos,
vão colher a tempestade.